



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CENTRO DE CIÊNCIAS DE
GRAJÁ CURSOS DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/GEOGRAFIA**

BENILDE SANTOS PEREIRA

**CRÍTICA E LUTA ANTIRRACISTA NA OBRA PUXOS E REPUXOS DE
NASCIMENTO MORAES**

GRAJÁ-MA

2026

BENILDE SANTOS PEREIRA

**CRÍTICA E LUTA ANTIRRACISTA NA OBRA PUXOS E REPUXOS DE
NASCIMENTO MORAES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura interdisciplinar em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de licenciatura em Geografia.

Orientador (a): Professor Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues

GRAJAÚ-MA

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos Pereira, Benilde.

CRÍTICA E LUTA ANTIRRACISTA NA OBRA PUXOS E REPUXOS DE
NASCIMENTO MORAES / Benilde Santos Pereira. - 2026.

19 p.

Orientador(a): Ubiratane de Moraes Rodrigues.

Curso de Ciências Humanas - Geografia, Universidade
Federal do Maranhão, Grajaú-MA, 2026.

1. Nascimento Moraes. 2. Racismo. 3. Maranhão. I.
de Moraes Rodrigues, Ubiratane. II. Título.

BENILDE SANTOS PEREIRA

**CRÍTICA E LUTA ANTIRRACISTA NA OBRA PUXOS E REPUXOS DE
NASCIMENTO MORAES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura interdisciplinar em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de licenciatura em Geografia.

Orientador (a): Professor Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues

Aprovada em: 23 de Fevereiro de 2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Rosimary Gomes Rocha (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Chego a este momento com o coração transbordando de gratidão, refletindo sobre o caminho percorrido até aqui e sobre as inúmeras bênçãos recebidas ao longo dessa jornada. A conclusão deste trabalho não representa apenas uma conquista pessoal, mas uma vitória construída coletivamente, com o apoio de pessoas que estiveram presentes nos momentos de alegria e, sobretudo, nos mais difíceis. Por isso, dedico estas palavras de agradecimento a todos que, de alguma forma, contribuíram para a minha caminhada acadêmica e pessoal.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ser meu porto seguro espiritual e fonte de força nos momentos de incerteza. À minha família, expresso minha profunda gratidão, especialmente aos meus pais, Alzenir Lopes e José Maria, que, mesmo partindo do pouco, ensinaram-me a construir muito. Minha amada mãe, cujos aplausos sempre ecoaram tão alto, a ponto de silenciar as vozes daqueles que não acreditaram em mim, agradeço pelo amor incondicional e pelo apoio de sempre. Dentre seus nove filhos, mãe, hoje posso dizer com orgulho: Concluo, minha primeira graduação, resultado direto da sua luta, da sua renúncia e do seu cuidado incansável.

Aos meus irmãos, registro meu reconhecimento por todas as palavras de incentivo e pela luta constante em favor da minha educação, fazendo o possível e o impossível para que eu tivesse sempre o melhor. Em cada etapa da minha formação, vocês estiveram ao meu lado, acreditando no meu potencial intelectual, inclusive nos momentos em que eu mesma duvidei dele.

Aos colegas e amigos da turma 2021.2, deixo meus mais sinceros agradecimentos, tanto pela convivência acadêmica, quanto pela troca de experiências e pelo companheirismo construído ao longo da graduação. Os desafios compartilhados, bem como os gestos de apoio mútuo, contribuíram significativamente para tornar essa trajetória mais leve e enriquecedora.

Expresso minha sincera gratidão à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), instituição que foi fundamental para minha formação acadêmica e pessoal. Ao longo dessa trajetória, encontrei não apenas ensino de qualidade, mas também incentivo à pesquisa, ao pensamento crítico e ao compromisso social. Levo comigo o orgulho de ter construído minha caminhada em uma universidade pública que transforma vidas por meio da educação.

Agradeço, ainda, ao corpo docente da Universidade Federal do Maranhão, cujo trabalho comprometido e qualificado foi essencial para minha formação acadêmica e intelectual, promovendo reflexões críticas e ampliando meus horizontes de conhecimento.

Gostaria de expressar minha gratidão também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Ambos forneceram apoio financeiro através

do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que foi fundamental para o meu crescimento acadêmico.

Por fim, registro minha gratidão ao meu orientador, Professor Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues, pela orientação criteriosa, pelas valiosas contribuições acadêmicas e pela constante disponibilidade ao longo de todo o processo de elaboração deste artigo. Destaco, ainda, sua postura ética, sensível e compreensiva diante das particularidades do percurso acadêmico, reafirmando o compromisso do fazer docente com a minha formação de forma integral.

CRÍTICA E LUTA ANTIRRACISTA EM PUXOS E REPUXOS DE NASCIMENTO MORAES

CRITICISM AND ANTI-RACIST STRUGGLE IN NASCIMENTO MORAES'S *PUXOS E REPUXOS*

CRÍTICA Y LUCHA ANTIRRACISTA EN *PUXOS E REPUXOS* DE NASCIMENTO MORAES

RESUMO

Este trabalho analisa a obra *Puxos e Repuxos* (1910), de José do Nascimento Moraes, escritor negro maranhense que atuou como poeta, romancista, cronista, contista e jornalista, cuja trajetória intelectual foi marcada pelo enfrentamento ao racismo nos espaços culturais do início do século XX. O estudo busca compreender de que modo a obra se constitui como prática discursiva de resistência e afirmação da identidade negra no campo intelectual maranhense. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico-interpretativo, fundamentada na análise textual da obra, articulada a estudos críticos sobre racismo, literatura negra e o contexto histórico do pós-abolição. A investigação demonstra que a escrita de Moraes ultrapassa o âmbito de uma polêmica jornalística, configurando-se como gesto político de enfrentamento às estruturas simbólicas de exclusão racial. Em síntese, *Puxos e Repuxos* constitui-se como documento literário e histórico relevante para a compreensão das disputas raciais no campo intelectual maranhense na transição do Império para a República, evidenciando como a escrita pode operar como instrumento de contestação das hierarquias sociais e raciais vigentes.

Palavras-chave: Nascimento Moraes; Racismo; Maranhão.

ABSTRACT

This work analyzes the novel *Puxos e Repuxos* (1910) by José do Nascimento Moraes, a Black writer from Maranhão who worked as a poet, novelist, chronicler, short story writer, and journalist, whose intellectual trajectory was marked by confronting racism in the cultural spaces of the early 20th century. The study seeks to understand how the work constitutes a discursive practice of resistance and affirmation of Black identity in the intellectual field of Maranhão. It is a qualitative research, of a bibliographic and analytical-interpretative nature, based on the textual analysis of the work, articulated with critical studies on racism, Black literature, and the historical context of the post-abolition period. The investigation demonstrates that Moraes's writing transcends the scope of journalistic polemics, configuring itself as a political gesture of confrontation against the symbolic structures of racial exclusion. In short, *Puxos e Repuxos* constitutes a relevant literary and historical document for understanding racial disputes in the intellectual field of Maranhão during the transition from the Empire to the Republic, demonstrating how writing can operate as an instrument for challenging the prevailing social and racial hierarchies.

Keywords: Nascimento Moraes; Racism; Maranhão

RESUMEN

Este trabajo analiza la novela *Puxos e Repuxos* (1910) de José do Nascimento Moraes, escritor negro de Maranhão que trabajó como poeta, novelista, cronista, cuentista y periodista, cuya trayectoria intelectual estuvo marcada por el enfrentamiento al racismo en los espacios culturales de principios del siglo XX. El estudio busca comprender cómo la obra constituye una práctica discursiva de resistencia y afirmación de la identidad negra en el campo intelectual de Maranhão. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter bibliográfico y analítico-interpretativo, basada en el análisis textual de la obra, articulada con estudios críticos sobre el racismo, la literatura negra y el contexto histórico del período posabolición. La investigación demuestra que la escritura de Moraes trasciende el ámbito de las polémicas periodísticas, configurándose como un gesto político de confrontación contra las estructuras simbólicas de la exclusión racial. En resumen, *Puxos e Repuxos* constituye un documento literario e histórico relevante para la comprensión de

las disputas raciales en el campo intelectual de Maranhão durante la transición del Imperio a la República, demostrando cómo la escritura puede operar como un instrumento para desafiar las jerarquías sociales y raciales prevalecientes.

Palabras clave: Nascimento Moraes; Racismo; Maranhão

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a obra *Puxos e Repuxos* (1910), de José do Nascimento Moraes, situando-a no contexto das disputas intelectuais e raciais do Maranhão no início do século XX. A investigação parte da compreensão de que a produção do autor se insere em um cenário marcado pela permanência de estruturas sociais escravocratas no período pós-abolição, refletindo tensões entre elite letrada e intelectuais negros em busca de reconhecimento.

José do Nascimento Moraes nasceu em São Luís, Maranhão, em 19 de março de 1882, e faleceu em 1958, aos 76 anos. Durante sua vida, deixou um legado importante ao rejeitar o pensamento elitista da época. Como professor negro, foi catedrático de geografia no Liceu Maranhense e também atuou como poeta, romancista, cronista, contista e jornalista, escrevendo para os diversos meios de comunicação na imprensa maranhense na primeira metade do século XX. Descendente de pessoas escravizadas, enfrentou e combateu o preconceito racial tanto na sua produção jornalística, muitas vezes usando pseudônimo, quanto na sua ficção, desafiando o racismo que precisou superar para conquistar reconhecimento profissional e literário.

Nesse cenário, *Puxos e Repuxos* surge como uma obra única, construída a partir de um conflito público entre Moraes, que escrevia sob o pseudônimo Valério Santiago, e o jornalista Antônio Lobo, que assinava como Galliza nos jornais *A Pacotilha* e *Diário do Maranhão*. Inicialmente uma troca de críticas jornalísticas, esse confronto ganhou contornos ideológicos profundos, revelando uma disputa por reconhecimento intelectual e a exclusão sistemática da população negra dos espaços de poder simbólico.

Por conseguinte, frente a essas acusações, Moraes criou uma escrita marcada pela ironia, pelo sarcasmo e por uma crítica contundente. Ele ressignificou insultos e revolucionou a forma como se fazia o discurso dominante. Ao usar estratégias que transformaram expressões pejorativas, como “negro analfabeto”, em instrumentos de resistência, Moraes deslocou o sujeito negro da condição de subalterno para o centro do debate intelectual. Assim, *Puxos e Repuxos* não é apenas uma polêmica jornalística, mas uma afirmação política da voz negra na literatura brasileira.

Este estudo tem como objetivo geral analisar o enfrentamento ao racismo na obra *Puxos e Repuxos*, de José do Nascimento Moraes, considerando as ideias e estruturas sociais que se perpetuavam no início do século XX e que sustentavam a hierarquização racial no cenário maranhense. Já nos objetivos específicos, busca-se: contextualizar a trajetória intelectual do autor dentro do seu cenário social-histórico; identificar os elementos políticos e sociais presentes na obra; analisar as estratégias discursivas usadas por Moraes para enfrentar o racismo e o elitismo intelectual.

A justificativa para essa pesquisa está na importância histórica, literária e política da obra de Moraes, que ainda é pouco explorada nos estudos acadêmicos atuais, especialmente no que diz respeito à literatura negra maranhense e ao pensamento antirracista no começo do século XX. Revisões sobre a história intelectual brasileira mostram que autores negros muitas vezes são marginalizados ou silenciados pelos cânones tradicionais. Retomar *Puxos e Repuxos* ajuda a preencher essas lacunas e fortalece debates sobre memória, resistência e a luta antirracista.

Por isso, este artigo busca contribuir ao explorar perspectivas geralmente invisibilizadas, como a de José do Nascimento Moraes, uma voz negra fundamental na literatura brasileira. Sua obra permanece atual ao denunciar e defender a luta por igualdade racial, dignidade e transformação da sociedade como um todo. Sua escrita não é apenas do passado; ela continua presente como um instrumento de resistência e esperança por futuros mais justos e igualitários.

Este estudo é de natureza qualitativa, focado em pesquisa bibliográfica e análise interpretativa. A obra *Puxos e Repuxos* (1910), de José do Nascimento Moraes, constitui-se como fonte primária da investigação, sendo analisada a partir de leitura crítica e fichamentos interpretativos que buscaram identificar estratégias discursivas, construções retóricas e elementos que denunciam o racismo.

Como fontes secundárias, foram utilizados estudos historiográficos e críticos que contextualizam o ambiente intelectual maranhense do período, com destaque para a obra de Manoel de Jesus Barros Martins, cuja análise da chamada “Atenas Brasileira” contribui para compreender a estrutura simbólica e elitista enfrentada por Moraes. Também foram consideradas reflexões teóricas sobre racismo e desalienação, especialmente a partir de Frantz Fanon, além de estudos contemporâneos sobre literatura negra e invisibilidade intelectual.

À luz dessas contribuições teóricas, a análise foi conduzida por meio da articulação entre texto literário e contexto histórico-social, buscando compreender como a escrita de Moraes se constitui como intervenção crítica no debate hierárquico racial vigente, não apenas respondendo a ataques circunstanciais, mas confrontando estruturas de poder consolidadas no ambiente intelectual maranhense. Em síntese, o estudo procura demonstrar que *Puxos e Repuxos* ultrapassa os limites de uma polêmica jornalística, configurando-se como gesto consciente de resistência, afirmação identitária e contestação das dinâmicas de exclusão racial no início do século XX.

CONTEXTO HISTÓRICO E RESISTÊNCIA INTELECTUAL EM JOSÉ DO NASCIMENTO MORAES

O Maranhão pós-abolição foi marcado por profundas contradições sociais. Embora a assinatura da Lei Áurea, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889, tenham contribuído de

forma significativa para que ocorressem as transformações políticas e sociais no cenário nacional, tais mudanças não eliminaram as estruturas herdadas do regime escravocrata. Ao contrário, as desigualdades raciais e sociais permaneceram enraizadas nas relações de poder, reorganizando-se sob novas formas institucionais e simbólicas. A população negra, recém-liberta juridicamente, continuou submetida a mecanismos de supressão que limitavam seu acesso à educação, aos espaços de prestígio intelectual e às esferas de reconhecimento social.

Nesse contexto, o Maranhão vivenciava uma crise econômica decorrente do declínio da agroexportação, especialmente da produção algodoeira, que havia sustentado parte de sua elite no século XIX. Consequentemente a perda de centralidade econômica no cenário nacional contribuiu para a construção de uma narrativa de decadência, amplamente difundida pelos círculos intelectuais locais. Essa narrativa, no entanto, muitas vezes deslocava o foco das desigualdades estruturais, atribuindo o declínio a fatores morais ou culturais, sem problematizar a permanência do racismo e da hierarquia social herdada da escravidão.

A interpretação dessa realidade foi construída por diferentes intelectuais ao longo do tempo, cada qual marcado por sua posição social e por seu lugar de enunciação. Como observa Martins:

Ao longo de sua trajetória histórica, a realidade maranhense foi objeto de atenção de variada gama de intelectuais, os quais fundaram suas obras obedecendo a motivações, enredos e contextos os mais díspares possíveis, em dia com a visão do mundo de cada um e com o lugar de onde enunciavam suas reflexões. (Martins, 2002, p. 13)

Entre essas leituras, consolidou-se uma permanência temática: a ideia de decadência, que passou a estruturar a compreensão do passado e do presente maranhense. Segundo o autor:

A temática da decadência avulta nessa produção intelectual sobre o Maranhão; constitui-se [...] em uma permanência substantiva presente nessa produção. [...] a noção de decadência perpassa o âmago da produção literária, econômica, política e científica; informou e perdura informando as mais distintas dimensões discursivas, crítica ou acriticamente. (Martins, 2002, p. 13)

Formou-se, assim, uma narrativa baseada na oposição entre um passado próspero, a chamada “Idade do Ouro” pombalina, e um presente de crise contínua. Tal leitura foi amplamente difundida pela elite letrada, responsável por sustentar simbolicamente a imagem da “Atenas Brasileira”. Nesse processo, como observa Martins (2002, p. 16), a elite intelectual desempenhou papel decisivo para o enraizamento desse suposto, uma vez que não colocava em discussão as características contraditórias que davam substância à própria realidade maranhense.

Desse modo, as explicações para a decadência geralmente escondiam as desigualdades raciais e sociais herdadas do período escravocrata, naturalizando exclusões estruturais presentes na formação histórica do estado.

No final do século XIX e início do XX, a chamada terceira geração intelectual, os Novos Atenienses, passou a atuar nesse cenário de crise estrutural. Contudo, sua intervenção cultural também se desenvolveu em meio a profundas instabilidades econômicas, políticas e sociais. Martins descreve esse ambiente nos seguintes termos:

O pano de fundo sócio-econômico, político e cultural em que se movia a terceira geração de atenienses constituía-se em cenário amplamente comprometido pelo corolário de problemas [...] que alcançaram o zênite na vitória do abolicionismo, na derrocada da Monarquia e na emergência da República, na crise da agroexportação, no fluxo contínuo e crescente do movimento emigratório de intelectuais. (Martins, 2002, p. 64)

Nesse contexto, a imprensa assumiu papel central como espaço de circulação de ideias e disputas simbólicas. Os jovens intelectuais viam-se como responsáveis por revitalizar a cultura local, assumindo para si uma missão de liderança moral e intelectual. Conforme o autor pontua:

Para tanto, Insinuava-se-lhes cada dia mais pungente a auto-convocação que essa elite letrada imputava-se no sentido de desempenhar um papel de liderança, organizando, estimulando e legitimando as iniciativas tendentes a ampliar e fortalecer as teias do universo cultural gonçalvino. (Martins, 2002, p. 80-81)

Assim, a imprensa e os círculos literários passaram a ser espaços onde se consolidava a validação cultural, mas também onde acontecia exclusão, já que o reconhecimento intelectual ainda dependia de critérios considerados elitistas e racializados.

Nesse contexto, surge José do Nascimento Moraes como uma voz que divergia dessas ideias. Ao contrário da postura de alguns membros dessa elite, sua produção literária apresenta um tom crítico e de intervenção. Além de *Puxos e repuxos* a obra *Vencidos e Degenerados* se destaca por analisar a realidade do Maranhão, especialmente as tensões do cotidiano após a abolição da escravidão. Como resume Martins:

Uma das obras que melhor explorou as entranhas de uma sociedade decadente, como a maranhense, entre o final do século XIX e o início do século XX, foi *Vencidos e Degenerados*. O cotidiano de São Luís [...] foi por ele mapeado anatomicamente, analisado sociologicamente e narrado com sagacidade e rigor dialético. (Martins, 2002, p. 36)

Moraes não apenas descreve a decadência: ele a investiga criticamente, revelando suas bases sociais e raciais. Em *Puxos e Repuxos*, a escrita assume forma ainda mais combativa. A imprensa transforma-se em arena de confronto direto, onde o autor responde a ataques racistas que buscavam desqualificá-lo intelectualmente e simbolicamente. Sua intervenção ultrapassa o plano individual e converte-se em denúncia pública de um sistema que excluía sujeitos negros do campo das letras. Como observa Martins (2002, p. 64), Moraes estava “inserido em um ambiente marcado pelas rachaduras solares”, metáfora que designa o desgaste estrutural das bases sociais e culturais do estado.

Ao recusar a simples lamentação do declínio, Moraes transforma a escrita polêmica em gesto de resistência cultural, articulando crítica social, consciência racial e intervenção no campo intelectual maranhense. Assim, sua produção consolida-se como prática de afirmação identitária e

luta antirracista, colocando-o como agente ativo de contestação das estruturas racistas que assolavam a terceira geração dos estudiosos.

A autora Mariléia dos Santos Cruz, no artigo *A produção da invisibilidade intelectual do professor negro Nascimento Moraes*, amplia essa discussão ao analisar como o racismo opera por meio de mecanismos simbólicos que regulam o acesso aos espaços de reconhecimento social. Segundo a autora:

A trajetória escolar e profissional de José do Nascimento Moraes foi representativa das dificuldades vividas pela imensa maioria dos intelectuais negros que buscaram, pelo meio escolar, superar as discriminações e desfrutar de notoriedade, em contexto social regado por preconceitos e estratégias segregacionistas. (Cruz, 2016, p. 3)

Cruz evidencia ainda que o apagamento de Moraes da historiografia literária maranhense não foi casual, mas resultado de ação deliberada. Tal exclusão insere-se em um processo mais amplo de construção seletiva da memória cultural, no qual determinados sujeitos são legitimados como representantes da tradição literária, enquanto outros são sistematicamente silenciados. No caso de Nascimento Moraes, sua condição racial e sua postura crítica diante das estruturas elitistas tornaram-se fatores determinantes para sua marginalização. O silenciamento de sua contribuição não se deu por ausência de relevância intelectual, mas por mecanismos de poder que regulavam quem poderia ocupar os espaços de consagração simbólica no cenário maranhense. Como pontua a autora:

O esquecimento de Nascimento Moraes deveu-se a sua origem racial e é produto da ação intencional de outro intelectual seu contemporâneo, Antonio Francisco Leal Lobo, que, motivado por racismo, minimizou a sua participação na história literária maranhense[...] (Cruz, 2016, p. 4)

Ao examinar a polêmica entre Moraes e Antonio Lobo, a autora demonstra que o conflito extrapolava o campo literário, revelando práticas de deslegitimação racial também no plano institucional.

Dessa forma, a análise do contexto histórico e intelectual maranhense permite compreender que a produção de José do Nascimento Moraes não se desenvolveu à margem das disputas simbólicas de seu tempo, mas no interior de um campo cultural estruturado por hierarquias sociais e raciais. Se, por um lado, Martins evidencia como a elite letrada consolidou uma narrativa de decadência que ocultava as contradições herdadas do regime escravocrata e organizava mecanismos de legitimação excludentes, por outro, Mariléia dos Santos Cruz demonstra como tais mecanismos operaram concretamente no apagamento deliberado de um intelectual negro da historiografia literária maranhense.

Assim, a trajetória e a obra de Moraes revelam-se como expressão crítica das tensões do pós-abolição e como gesto consciente de resistência ao silenciamento racial. Sua escrita insere-se

como prática política de afirmação identitária, contestação das estruturas de poder e reivindicação do direito à memória no seio da chamada “Atenas Brasileira”.

No interior de *Puxos e Repuxos*, essa tensão atinge seu ponto máximo. A obra transforma a imprensa em espaço de luta simbólica, no qual o autor responde a ataques racistas, reivindica seu lugar como intelectual e expõe as contradições de uma elite que pretendia monopolizar o reconhecimento cultural. Mais do que um registro de polêmicas, o texto configura-se como prática de resistência e enfrentamento ao racismo no próprio campo literário.

Partindo dessa perspectiva, a próxima seção dedicará-se à análise da escrita de Moraes como gesto consciente de enfrentamento, investigando como suas estratégias discursivas e escolhas retóricas configuram uma intervenção crítica no debate racial de seu tempo.

A ESCRITA COMO ENFRENTAMENTO AO RACISMO EM *PUXOS E REPUXOS*

Diante da leitura de *Puxos e repuxos* de Nascimento Moraes é perceptível a relevância crítica da obra, pautada na luta antirracista e no duelo entre as estruturas elitistas e racializadas da sociedade maranhense do início do século XX. A escrita de Moraes, como já foi citado anteriormente, se insere como um instrumento político de resistência e afirmação da identidade negra.

Nascimento Moraes na obra *Puxos e Repuxos* inicia suas falas com uma construção simbólica importante, descrevendo a luta que travou contra a elite letrada da época. De forma irônica, ele nos apresenta os dois lados da disputa: “De um lado, a ‘fina flor’ da intellectualidade indigena, poétas e prosadores, grammaticos e oradôres [...] brancos da raça caucasea, a elite, o diabo; de outro — o moleque, como lhe chamavam, um quasi analphabeto, o negro Ignorante...” (Moraes, 1910, p. 2).

Ao ser definido pela elite como “quase analfabeto” e “negro ignorante”, Moraes ressignifica os insultos dirigidos a si, transformando-os em instrumentos de enfrentamento discursivo. Esse gesto não expressa submissão, mas estratégia crítica: ao assumir ironicamente as marcas que lhe eram impostas, o autor inverte a lógica do estigma e expõe o caráter violento da hierarquização racial. Tal postura dialoga com a perspectiva de Frantz Fanon acerca da desalienação do sujeito negro. Para o pensador martinicano, o racismo opera por meio da interiorização da inferioridade, processo que precisa ser conscientemente rompido para que o sujeito recupere sua autonomia histórica:

A verdadeira desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais. Se há um complexo de inferioridade, ele resulta de um duplo processo:
– econômico, em primeiro lugar;

– e, em seguida, por interiorização, ou melhor, por epidermização dessa inferioridade. (Fanon, 2008, p. 8-9)

Nesse sentido, ao ironizar e reverter os estigmas que lhe eram atribuídos, Moraes interrompe esse movimento de interiorização descrito por Fanon, recusando a posição de subalternidade imposta pela elite letrada e construindo um espaço discursivo próprio, no qual o corpo negro escreve, critica, corrige e ridiculariza.

Essa passagem confirma tanto o racismo institucional que o autor enfrentava, como também o modo como ele vê essas categorias com inteligência e ousadia. Moraes ressignifica e transforma a ofensa que sofria em combustível, fazendo da marginalização racial um ponto de partida para criticar os grupos elitistas. Ele denuncia os ataques que recebeu dos jornais; *A Pacotilha* e *O Diário*, ambos representantes do conservadorismo racista de sua época.

Mesmo diante de inúmeras tentativas de silenciamento, Moraes permanece firme: “Negro! Eis ahi o insulto, a palavra com que elles pensam que nos esmagam, que nos reduzem à ultima expressão!” (Moraes, 1910, p. 22). A frase revela a tentativa de apagamento pela cor da pele, mas também sua recusa em aceitar a inferiorização, usando a própria ofensa como prova da arrogância e da hipocrisia dos que se dizem “civilizados”.

Além disso, Moraes responde diretamente aos insultos com uma argumentação que demonstra sua consciência crítica e sua resistência: “Não valem os teus insultos, os doestos que atiras, porque quem esta à frente da publica administração, tem o espirito bastante arguto para conhecer do valor dos homens e comprehender que tú não discutes, mas praeiramente insultas!” (Moraes, 1910, p. 51). Essa passagem reforça a distinção entre a crítica construtiva e o ataque pessoal, mostrando que Moraes se posiciona intelectualmente acima dos seus inimigos, evidenciando a falha moral e intelectual da elite racista.

Em algumas passagens do livro, fica evidente a narrativa solitária de Moraes contra o grupo elitista, adquirindo contornos quase heroicos. O autor retoma a autodefinição de “negro analfabeto” como estratégia retórica, contrapondo o desprezo da elite branca à eficácia de sua produção textual, que provocava a evasão da polêmica por parte dos opositores: “Chamam-me ignorante, mas é a minha palavra que lhes escapa, é meu argumento que lhes fere” (Moraes, 1910, p. 25). A denúncia das tentativas de exclusão de Moraes, como a forçada saída do jornal *Correio da Tarde*, expõe os mecanismos de exclusão racial nos espaços intelectuais.

A publicação de *Puxos e Repuxos* emerge, assim, como um ato político, um posicionamento de enfrentamento ao racismo, ao silenciamento e ao apagamento histórico da contribuição negra na literatura e no jornalismo. Dessa forma, a obra de Nascimento Moraes pode ser compreendida como uma agitação textual e política. A crítica ao elitismo e ao conservadorismo da sociedade maranhense da época, aliada à afirmação da identidade negra e à denúncia do racismo

intelectual, posicionam *Puxos e Repuxos* como um marco significativo de resistência simbólica e discursiva, cujo legado permanece vigente nas discussões contemporâneas sobre desigualdade racial no Brasil.

José do Nascimento Moraes publicou algumas obras dentre elas estão: *Puxos e repuxos* (1910), *Vencidos e degenerados* (1915), *Neurose do medo* (1923) e *Contos de Valério Santiago* (1972, póstumo). No seu primeiro livro, *Puxos e Repuxos* (1910), Moraes mostra claramente seu talento ao criticar a discriminação racial sistêmica que existia na sociedade maranhense. Essa crítica reverbera até os dias atuais e pode ser vista nas obras de outras(os) autoras e autores negros(os). A obra é de suma importância, tanto na literatura quanto na política, dentro do contexto maranhense e do movimento antirracista no Brasil. Com uma escrita que mistura engajamento social e reflexões filosóficas sobre a vida da população negra, Moraes, pensava além de seu tempo, fazendo uma combinação inteligente de crítica social, denúncia do racismo.

Em *Vencidos e Degenerados* (1915), considerado seu romance mais significativo, José do Nascimento Moraes constrói uma narrativa marcada pelo confronto entre a intelectualidade negra marginalizada e a elite branca ludovicense, evidenciando as tensões políticas, sociais e raciais do período pós-Abolição. O protagonista, Cláudio, jovem negro filho de ex-escravizados, tenta afirmar-se como intelectual em uma sociedade que empurra a população negra para as margens, tanto geográficas quanto simbólicas. O reconhecimento, como ironiza Moraes, só é possível quando vem de fora: “um Cláudio qualquer, pobretão, obscuro [...] voltava rico, orgulhoso, abarrotado de brilhantes comissionado pelo governo!” (Moraes, 2000, p. 281). Com essa passagem, Moraes tece uma crítica sarcástica diante da lógica de validação imposta por uma sociedade racista, que só reconhece o valor do negro quando este retorna com prestígio externo, colocando em evidência a hipocrisia da elite maranhense e o apagamento intelectual da população negra.

Já em *Neurose do Medo* (1923), o autor mergulha em aspectos psicológicos e subjetivos de seus personagens, articulando as tensões entre medo, alienação e identidade. Em suma, traça um retrato da realidade local, dando ênfase no contexto de exclusão a que estava submetida a população negra. Por fim, *Contos de Valério Santiago*, publicado postumamente em 1972, reúne textos curtos que mantêm a crítica à estrutura social desigual, colocando em pauta os costumes, a posição submissa da mulher, mesmo da elite, entre outros temas vinculados ao lento processo de modernização vivido pela sociedade na primeira metade do século XX.

O conjunto dessas obras demonstra o compromisso estético e político de Nascimento Moraes com a denúncia das desigualdades raciais e sociais, atuando como uma voz fundamental na literatura negra brasileira. Por conseguinte, é em *Puxos e Repuxos* que se constitui uma afirmação política da voz negra na literatura brasileira, que ressurge ao longo das demais obras de Nascimento

Moraes. Nesse sentido retomar o debate entre Nascimento Moraes e Antônio Lobo é, também, revisitar os escritos do primeiro como um excedente cultural que ainda hoje reverbera o pensamento estético-literário e político de resistência.

Puxos e Repuxos é uma obra de extrema importância para a história intelectual do Maranhão, por ser uma das primeiras manifestações literárias que expõem de forma explícita e direta a luta antirracista. O título do livro faz referência as réplicas e trepicas travadas entre Nascimento Moraes e o jornalista Antônio Lobo, autor conservador, tradicionalista, racista e reproduzidor de um pensamento escravocrata do jornal “A pacotilha” sob o pseudônimo de Galliza.

Por meio de suas crônicas, Moraes confrontou essas representações com uma linguagem coloquial e profundamente irônica, expondo as contradições da elite e denunciando as injustiças sociais e raciais de seu tempo. Em determinado momento, ele descreve o embate como uma disputa desigual entre a autoproclamada elite intelectual maranhense e ele próprio, que era reduzido a estereótipos depreciativos ligados à sua condição racial e social (MORAES, 1910, p. 2).

A passagem evidencia não apenas a tentativa de desqualificação de um intelectual negro, mas também a estrutura simbólica que sustentava a superioridade branca no campo das letras. Ao reconstruir essa cena de enfrentamento, Moraes revela o funcionamento do racismo no interior do universo cultural e transforma a própria agressão em instrumento de denúncia e contestação.

O preconceito presente no discurso de Galliza (Lobo) cria um ambiente favorável à violência verbal, que é reforçada e repetida ao longo da conversa. Aos poucos, Valério Santiago (Moraes) passa a responder de forma mais irônica e sarcástica, usando palavras cada vez mais ofensivas, como “obtusidade”, “bárbaro”, “bombástico”, “asneira”, “torto/criaturinha torta”, “disparate de bôbo” e “miollo mole” dentre outras. Essas expressões dão ao texto um tom de violência retórica, típico de uma época em que a crítica literária e jornalística quase se transformava em um duelo público de cunho acadêmico.

Para além disso, a persistência do autor diante dos obstáculos é narrada em trechos como: “Roubando alguns minutos aos seus múltiplos e complexos afazêres, escrevia artigos em cima da perna, e, à proporção que os traçava, os agressôres fugiam da polemica, atirando pedradas no vencedor.” (Moraes, 1910, p. 3). Essa passagem demonstra a capacidade de resistência e a eficácia de sua crítica, que provocava a fuga dos opositores.

O caráter estrutural da discriminação racial enfrentada por Nascimento Moraes evidencia-se quando o autor relata que seus opositores, após esgotarem os ataques e ofensas, passaram a exigir sua retirada da redação do *Correio* (Moraes, 1910, p. 3).

Esse episódio revela o caráter estrutural da exclusão racial enfrentada por Nascimento Moraes. Não se tratava apenas de ofensas isoladas, mas de uma tentativa deliberada de silenciar e

eliminar a presença de um intelectual negro de um espaço estratégico de produção e circulação de ideias. Ao recorrerem a mecanismos mais diretos de repressão, seus adversários evidenciam que o conflito ultrapassava o plano pessoal, configurando-se como disputa por poder e por legitimidade no interior do campo jornalístico, tradicionalmente dominado pela elite branca letrada.

Ao final, o autor comemora a vitória simbólica, afirmando que: “Cahiram cobertos de ridículo. E a victoria de um «nêgro» contra muitos «brancos» que vamos assinalar com a publicação deste livro.” (Moraes, 1910, p. 3). Diante dessa passagem podemos perceber a dimensão política de sua produção literária e jornalística ao declarar sua vitória, Moraes não se refere apenas ao desfecho de um debate jornalístico, mas à superação de um sistema de exclusão que tentou silenciá-lo. Ele publica o livro como um troféu simbólico dessa luta, transformando a palavra escrita em arma contra o racismo.

A obra *Puxos e repuxos* é, portanto, fundamental para os estudos sobre o pensamento e a cultura maranhense, pois nos oferece uma profunda reflexão social. Ela registra o confronto entre dois literatos que disputavam espaço intelectual em um novo cenário político e econômico do Brasil, no início do século XX. A obra de Moraes é uma prova literária da resistência e da denúncia da (in)condição da população negra no Maranhão pós-abolição e início da República, um grito por justiça social que ainda ressoa na atualidade.

Vale destacar que, a obra dialoga com o contexto histórico do Maranhão após a abolição, marcado pela permanência de estruturas sociais escravocratas, como analisa Manoel de Jesus Barros Martins em *Rachaduras Solarescas e Epigonismos Provincianos* (2002). Ao denunciar essas estruturas, Moraes ajuda a formar uma consciência crítica e contribui para registrar as desigualdades enfrentadas pela população negra durante o período republicano.

Em síntese, ao resgatar e analisar *Puxos e Repuxos*, busca-se evidenciar a relevância da produção intelectual de Nascimento Moraes como instrumento crítico de interpretação das tensões raciais e sociais de seu tempo. Sua escrita ultrapassa a dimensão narrativa, configurando-se como intervenção discursiva no debate sobre hierarquias raciais e disputas por legitimidade no campo intelectual. Desse modo, a obra contribui para compreender os mecanismos de exclusão e as estratégias de resistência presentes no cenário maranhense no início da república.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra *Puxos e Repuxos* permite compreender que José do Nascimento Moraes não se limitou a participar de uma disputa jornalística circunstancial, mas realizou uma intervenção consciente no campo intelectual maranhense do início do século XX. Sua escrita revela-se como prática de enfrentamento ao racismo estrutural que organizava os espaços de legitimidade cultural e simbólica no período pós-abolição.

Ao ironizar os estigmas que lhe eram atribuídos e expor os mecanismos de exclusão promovidos pela elite letrada, Moraes constrói uma estratégia discursiva de inversão simbólica, na qual o sujeito negro deixa de ocupar o lugar de subalternidade para assumir o protagonismo intelectual. Sua obra evidencia que o racismo não se manifesta apenas por meio da exclusão material, mas também através do controle da palavra, da autoridade cultural e da produção do saber.

A investigação demonstra que a imprensa, naquele contexto, funcionava como espaço de disputa simbólica, onde se consolidavam critérios racializados de reconhecimento. Ao resistir às tentativas de silenciamento e exclusão institucional, Moraes afirma sua autoridade intelectual e reivindica o direito de participação plena do sujeito negro no debate público.

Assim, *Puxos e Repuxos* configura-se como marco significativo da literatura negra maranhense e brasileira, antecipando discussões que permanecem atuais no campo dos estudos sobre racismo, memória e identidade. Revisitar a obra de Nascimento Moraes significa reconhecer a historicidade das desigualdades raciais e reafirmar a importância da produção intelectual negra na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adriana Gama de. **Em nome da cidade vencida:** a São Luís republicana na obra de José do Nascimento Moraes (1889 - 1920). 2011. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

CARDOSO, P. de J. F. Luta antirracista na educação: o movimento de pesquisadores negros e pesquisadoras negras – anotações de viagem. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 119–130, 2013. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/192>. Acesso em: 18 maio 2025.

CRUZ, Mariléia dos Santos. A produção da invisibilidade intelectual do professor negro Nascimento Moraes na história literária maranhense, no início do século XX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-93472016v36n73_011. Acesso em: 25 maio 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. 6. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

GATO, Mateus. **O protesto negro no Brasil escravista e pós-abolição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MACHADO, Nauro. A escrita polêmica de José do Nascimento Moraes. Prefácio. In: NASCIMENTO MORAES, José do. **Neurose do medo e 100 artigos**. São Luís: SECMA/Civilização Brasileira, 1982.

MARTINS, Manoel Barros de Jesus. **Rachaduras Solarescas e Epigonismos Provincianos: sociedade e cultura no Maranhão Neo-Ateniense: 1890-1930**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

MEIRELES, Mário M. **Panorama da Literatura Maranhense**. São Luís: s/e, s/d.

NAVAS-TORÍBIO, Luíza Garcia dos Nascimento. **O negro na literatura maranhense**. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 1990.

NASCIMENTO MORAES, José do. **Puxos e repuxos**. São Luís: Typ. dos Artistas, 1910.

NASCIMENTO MORAES, José do. **Vencidos e Degenerados**. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

NASCIMENTO MORAES, José do. **Contos de Valério Santiago**. Organização de Natércia Moraes. São Luís: Edição do autor, 1972.

PEREIRA, Rafaela. **O negro olhar sobre a sociedade maranhense**. Literafro, 2016. Disponível em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 25 maio 2025.

ROST, Isis. **Literatura & Performance**. São Luís: Passagens, 2024.